

Educação permanente na saúde sobre *Monkeypox* em Unidades de Saúde da Família: um relato de experiência

Diogenes Ferreira dos Passos¹, Bruna Ariella Aguiar Muniz², Rebecca Cavalcanti Carvalho Novaes³, Thalia Ariadne Peña Aragão⁴

Resumo

Este texto visa descrever a vivência da Vigilância Epidemiológica e de residentes em saúde de diversos programas de residência, que desenvolveram uma ação de educação permanente na saúde voltada a profissionais de diferentes categorias, alocados em várias unidades de Saúde da Família pertencentes ao Distrito Sanitário I, situado na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil, acerca do *Monkeypox* vírus. Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem descritiva, do tipo relato de experiência, sistematizado de acordo com o modelo de Oscar Jara e desenvolvido por meio da observação e da vivência de residentes em saúde e a preceptora do grupo, no mês de agosto de 2022. A utilização do recurso produzido serviu de roteiro-guia para o diálogo com os profissionais, trazendo mais clareza sobre a evolução clínica e cronológica do *Monkeypox* vírus, bem como sobre os fluxos até então estabelecidos pelos órgãos sanitários. A experiência evidenciou a importância de ações de educação permanente na saúde, tendo em vista que esse espaço contribuiu para o esclarecimento de informações acerca do *Monkeypox* vírus, informando e direcionando os profissionais de saúde, com a utilização de fontes confiáveis e a criação de um espaço aberto, democrático e dinâmico.

Palavras-chave

Variola dos Macacos. Educação em Saúde. Pandemias.

¹ Residência em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), Pernambuco, Brasil; pesquisador do Grupo de Estudos em Gestão e Avaliação em Saúde. E-mail: diogenes.passos@hotmail.com.

² Residente em Saúde Coletiva na Secretaria de Saúde do Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: bruna.ariella@gmail.com.

³ Residente em Diagnóstico por Imagem na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil. E-mail: rccnovaes@gmail.com.

⁴ Mestranda em Saúde Coletiva no Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Pernambuco, Brasil. E-mail: thaliariadne.pena@gmail.com.

Permanent health education about Monkeypox in Family Health Units: an experience report

Diogenes Ferreira dos Passos⁵, Bruna Ariella Aguiar Muniz⁶, Rebecca Cavalcanti Carvalho Novaes⁷, Thalia Ariadne Peña Aragão⁸

Abstract

This text aims to describe the experience of the Epidemiological Surveillance and health residents from different residency programs, who developed an action of permanent health education aimed at professionals of different categories, allocated in various Family Health Units belonging to the Sanitary District I, located in the city of Recife, State of Pernambuco, Brazil, about the Monkeypox virus. This is a qualitative study with a descriptive approach of the experience report type, systematized according to Oscar Jara's model and developed through the observation and experience of health residents and the preceptor of the group, in the month of August of 2022. The use of the produced resource served as a guide script for the dialogue with professionals, bringing more clarity about the clinical and chronological evolution of Monkeypox virus, as well as about the flows until then established by health agencies. The experience showed the importance of permanent education actions in health, considering that this space contributed to the clarification of information about the Monkeypox virus, informing and directing health professionals through reliable sources and the creation of an open, democratic, and dynamic space.

Keywords

Monkeypox. Health Education. Pandemics.

⁵ Resident in Collective Health, Professor Fernando Figueira Integral Medicine Institute, State of Pernambuco, Brazil; researcher at the Study Group on Health Management and Evaluation (IMIP). E-mail: diogenes.passos@hotmail.com.

⁶ Resident in Collective Health, Health Department of Recife, State of Pernambuco. E-mail: bruna.ariella@gmail.com.

⁷ Resident in Diagnostic Imaging, Federal Rural University of Pernambuco, State of Pernambuco, Brazil. E-mail: rccnovaes@gmail.com.

⁸ Master degree student in Collective Health, Aggeu Magalhães Institute, Oswaldo Cruz Foundation, State of Pernambuco, Brazil. E-mail: thaliariadne.pena@gmail.com.

Introdução

Monkeypox vírus (MPXV) é um vírus de DNA zoonótico de dupla cadeia, pertencente ao gênero *Orthopoxvirus*, da família *Poxviridae*, e é uma doença endêmica nos países africanos. O primeiro relato humano de MPXV remonta a 1970, sendo um menino de 9 meses de idade, que viveu na República Democrática do Congo. Torna-se importante ressaltar que houve vários surtos de MPXV em territórios não-africanos ao longo das décadas, quando o primeiro surto fora da África aconteceu em 2003, devido a roedores selvagens importados aos Estados Unidos (GHAZVINI; KEIKHA, 2022).

Em 13 de maio de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu a informação de dois casos com confirmação laboratorial e um provável de MPXV nos Estados Unidos, acrescentando-se mais quatro casos confirmados em 14 de maio de 2022. Esses últimos casos relatados eram homens que integravam os Serviços de Saúde Sexual e apresentavam sinais de uma doença vesicular com erupção cutânea. A extensão da transmissão do vírus ainda não está bem estabelecida, mas parece que, a exemplo do SARS-CoV-2 (COVID-19), as viagens seriam um fator associado ao aumento no número de casos (CIMERMAN *et al.*, 2022).

Desde 9 de junho de 2022, 1.240 casos de MPXV foram confirmados em 33 países em todos os continentes, sendo a maioria deles vinculada aos Estados Unidos da América e países europeus. No tocante à América do Sul, os dois primeiros casos de MPXV relatados foram na Argentina, em 27 de maio de 2022, cujos indivíduos tinham relatado viagem à Espanha. Especificamente com relação ao Brasil, até 8 de junho de 2022, havia oito casos suspeitos de infecção por MPXV, pertencentes aos estados de Santa Catarina, Ceará, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Rondônia e São Paulo (CLARO *et al.*, 2022).

Diante da emergente questão de saúde pública ocasionada pelo MPXV, agravada pelo fato de o mundo ainda estar diante do desafio da COVID-19, surgiram preocupações quanto à constituição de uma nova ameaça (RIZK *et al.*, 2022). Enfrentar cenários pandêmicos envolve a elaboração de planos de gerenciamento de risco que devem articular diferentes níveis de complexidade. O objetivo principal é fortalecer a atuação no território, com foco na população, formação e educação permanente dos profissionais de saúde, fornecendo retaguarda na execução de uma ação coordenada da Atenção Básica com outras instituições e serviços de saúde da Rede de Saúde (MEDINA *et al.*, 2020).

A prevenção em saúde, inerente a qualquer ciclo da vida, constitui um dos pilares para as práticas assistenciais, especialmente na Atenção Básica. No contexto do MPXV, esse modelo de atenção se tornou uma das estratégias mais efetivas na redução do risco de contaminação

pelo vírus (MORAES *et al.*, 2020). Dessa forma, a promoção da educação permanente como eixo da qualificação do cuidado é uma referência e uma meta no movimento que tem por objetivo implementar estratégias de fortalecimento da promoção de cuidados efetivos nos diferentes níveis da atenção à saúde, realizado por meio da inclusão de propostas de trabalho articuladas entre o desenvolvimento individual e institucional, alinhadas às necessidades de saúde das pessoas e das populações, impactando e influenciando a construção de políticas de reorientação da formação em saúde (FRIESTINO *et al.*, 2022).

Dentro desse cenário, o objetivo da vigilância é entender a situação de saúde em sua complexidade, realizando essa análise em rede com a premissa de uma ampliação da visão profissional para além da doença, construindo, a partir disso, um novo processo de trabalho pautado na análise situacional e por ações pensadas a partir do território (SILVA *et al.*, 2021). Existe uma potência que não deve ser desconsiderada em cuidados que se baseiam na proximidade, sobretudo em cenários de calamidade, como foi o caso da COVID-19 (SLOMP JUNIOR *et al.*, 2022).

Desse modo, diante dos desafios impostos pela situação emergente de saúde pública, a implementação de ações para esses indivíduos só foi possível por meio do planejamento de práticas de cuidado utilizando metodologias inovadoras, requeridas não somente para o remodelamento da assistência em saúde, como também para o contexto do MPXV (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Diante disso, o presente estudo tem o objetivo de descrever a vivência da Vigilância Epidemiológica (VE) e de residentes em saúde de diversos programas de residência, que desenvolveram uma ação de educação permanente na saúde voltada a profissionais de diferentes categorias, alocados em várias Unidades de Saúde da Família (USF) pertencentes ao Distrito Sanitário I (DS I), situado na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil, acerca do MPXV.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, com abordagem descritiva, do tipo relato de experiência, sistematizado de acordo com o modelo de Oscar Jara (2012) desenvolvido por meio da observação e da vivência de residentes em saúde e a preceptora do grupo. Este trabalho foi realizado a partir de ações educativas vinculadas ao setor de VE do DS I, no mês de agosto de 2022, em cinco unidades de Saúde da Família do referido Distrito Sanitário, situado na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil. Cada unidade é composta por médico/a, enfermeiro/a,

cirurgião-dentista, auxiliar e/ou técnico em saúde bucal, auxiliar ou técnico de enfermagem, Agentes Comunitários de Saúde (ACS), recepcionista e técnico de regulação em saúde.

No tocante à sistematização metodológica proposta pelo referencial teórico de Oscar Jara, a experiência foi construída em cinco etapas, a saber: a) o ponto de partida, caracterizado pela participação e registro da experiência; b) perguntas iniciais, mediante a compreensão das definições dos objetivos propostos, objeto de estudo e eixo de sistematização; c) recuperação do processo vivido, representando os aspectos descritivos da experiência e a organização das informações; d) reflexão de fundo, isto é, a reflexão crítica do processo vivenciado pelos atores; e) os pontos de chegada, configurados pela elaboração de conclusões e a divulgação do aprendido.

Desse modo, o ponto de partida da experiência ocorreu a partir do dia 12 de agosto de 2022, data em que as coordenadoras de área do DS I foram acionadas pela coordenadora da VE do referido Distrito Sanitário, em virtude do crescente número de casos suspeitos e confirmados de MPXV na cidade. O planejamento proposto foi a construção de ações de educação na saúde USF do território sobre o MPXV. Para tanto, iniciou-se uma agenda de atividades com o intuito de produzir e sistematizar conhecimentos sobre a temática. A abordagem utilizada para a formação e o desenvolvimento da atuação em saúde estava pautada em práticas de ensino e diretrizes didáticas capazes de promover a aquisição do conhecimento (BRASIL, 2018).

Para fins metodológicos, vale destacar que os termos “educação em saúde” e “educação na saúde” muitas vezes são utilizados de forma indistinta na literatura, porém, eles não são iguais. Por educação em saúde, entende-se o percurso educativo de construção de saberes em saúde, com o intuito de fortalecer a autonomia dos sujeitos no processo individual do cuidado, além de criar ferramentas que possibilitem a promoção e a atenção à saúde. Já a educação na saúde compreende a construção e a sistematização de conhecimentos referentes à qualificação e ao desenvolvimento profissional para a atuação em saúde – contando com as instituições de saúde para essa oferta, seja nas modalidades de educação permanente ou continuada (FALKENBERG *et al.*, 2014).

Embora o presente artigo discuta ações de educação na saúde, também foram considerados estudos com a terminologia “educação em saúde”, a partir da identificação de objetivos similares de pesquisa.

A respeito da coleta e da obtenção das informações para a descrição do relato, as ações foram realizadas nas USF, bem como a produção de material audiovisual, proveniente de informações fornecidas pelo Centro de Informações Estratégicas de Vigilância em Saúde de Pernambuco (Cievs/PE). De posse das informações, os residentes e a preceptora se organizaram

para a construção do relato, o qual foi delineado por dois tópicos principais: a) reconstrução do processo vivido, e b) análise crítica da vivência.

Por se tratar de um relato de experiência, não houve apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os dados apresentados seguem a descrição dos fatos, sendo sua análise feita pelos residentes em saúde e a preceptora.

Resultado e Discussão

Reconstrução do processo vivido

Apesar do baixo potencial de letalidade do MPXV (WHO, 2022), o aumento do número de casos confirmados da doença no estado de Pernambuco trouxe um sentimento de inquietação à VE, não como um alerta de nova pandemia, mas como um fato que requer planejamento e ações prévias a eventuais agravamentos. A partir disso, surgiu a concepção das ações de educação na saúde sobre MPXV.

Os residentes alocados no setor da VE foram estimulados a desenvolver um material expositivo (recurso Power Point), com base em dados e recomendações fornecidos pelo Cievs/PE, com o objetivo de esclarecer e orientar os profissionais da Atenção Básica sobre a circulação do MPXV, notificação, prevenção e o manejo de casos suspeitos na área adscrita às unidades de saúde.

Os encontros ocorreram após articulação da coordenação da VE com as gerências das USF, de acordo com a disponibilidade de agenda para reuniões de equipe. No período supracitado, foram realizados seis encontros, de 12 a 23 de agosto de 2022, contando com um total de 69 profissionais de diferentes categorias vinculados a essas unidades.

Análise crítica da vivência

O primeiro desafio frente ao processo proposto pela preceptora dos residentes foi a construção do material expositivo a ser utilizado. Considerado o recente alerta voltado ao MPXV, o material deveria abordar o repentino aumento do número de casos da doença no Brasil e no mundo – além de ser um instrumento de fácil compreensão aos profissionais, com uma abordagem objetiva sobre as informações mais atualizadas até o momento.

Segundo Schelb *et al.* (2019), a elaboração de um material educativo deve seguir um processo sistemático que parte da identificação do problema, além da busca na literatura

científica especializada e que, após a análise das informações selecionadas, proponha atividades e orientações com o objetivo de promover a prevenção ou a recuperação por meio do reforço de atitudes no âmbito individual e coletivo.

De acordo com essa elaboração sistemática, partindo-se do problema da *Monkeypox* e analisando as informações disponíveis, foi possível construir um material que abordasse a problemática de forma geral, abrangendo critérios epidemiológicos, notificação dos casos suspeitos e manifestações clínicas da doença. A utilização do recurso produzido serviu de roteiro-guia para o diálogo com os profissionais, trazendo mais clareza sobre a evolução clínica e cronológica da doença, bem como sobre os fluxos até então estabelecidos pelos órgãos sanitários. Durante as reuniões, a equipe da VE estimulou o diálogo e a participação dos profissionais da Atenção Básica, buscando uma relação de troca e horizontalidade entre os participantes.

A iniciativa foi bem aceita pela maioria dos profissionais, que mostraram entusiasmo, dúvidas pertinentes e sentimento de gratidão aos envolvidos. Entretanto, pode-se observar certo desinteresse por parte de alguns sujeitos presentes nas dinâmicas, mostrando a dificuldade de sensibilizar e influenciar de forma positiva todo o público. Em uma USF, exclusivamente, observou-se uma maior falta de receptividade e interação dos profissionais, devido a influência de fatores externos. Vale salientar que, ao decorrer da apresentação, constatou-se mudança da percepção negativa acerca da doença por parte de algumas categorias.

Considerando a resistência ao público LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binário e mais), pode-se compreender que parte do desinteresse identificado nas discussões sobre a temática pode estar relacionado ao persistente preconceito estrutural enraizado na sociedade. Para Lopes Junior *et al.* (2020), a LGBTfobia constitui-se como um determinante social do processo saúde-doença, que, a exemplo do racismo, pressupõe que o outro é destituído de humanidade e por isso não é digno dos mesmos direitos, sendo uma prática estruturante e mantenedora da marginalização, exclusão e culpabilização desses indivíduos.

Outra possibilidade sobre a postura rígida de alguns profissionais nos encontros de educação na saúde sobre MPXV pode estar relacionada à insatisfação no trabalho. O estudo de Soratto *et al.* (2017) identificou três aspectos principais de insatisfação entre os profissionais de saúde: a gestão do trabalho, as relações entre o binômio equipe-usuário e o excesso de trabalho. Foram apontados principalmente fatores relativos à falta de recursos e estrutura, falhas na gestão, desvalorização profissional e excesso de demandas. Somando-se a todas essas adversidades, a emergência de um novo surto de doença pode desencadear nos profissionais um

processo de resistência e negação, ao ser associado diretamente à designação de novas responsabilidades e demandas no cotidiano das USF.

Diante disso, as ações de educação podem representar um espaço de debate, desconstrução de estigmas e acolhimento das angústias profissionais, proporcionando condições de aprendizado significativo e de discussão coletiva e reflexiva em torno de situações concretas que venham a emergir no cotidiano do trabalho (GARBIN *et al.*, 2019).

A criação do material expositivo não foi um processo engessado, pelo contrário, representou um percurso dinâmico que não se esgotou até que fossem finalizadas as reuniões. Além das constantes atualizações epidemiológicas, divulgação de notas técnicas e novas orientações sobre MPXV, houve a necessidade de modificações ao longo das apresentações a partir de apontamentos realizados pelos profissionais da Atenção Básica, bem como a partir da revisão do material pela própria equipe da VE, repensando as informações prioritárias para que se aproximassem mais da realidade trazida pelos profissionais a partir da escuta em encontros anteriores, além de tornar o material mais atrativo e dinâmico, com o acréscimo de figuras, esquemas e fluxogramas.

Algo semelhante ocorreu no estudo de Rossi *et al.* (2012), que se propunha a elaborar um conjunto de materiais didáticos em educação em saúde, produzidos a partir do ano de 2007 na Universidade Federal de São João del-Rei, para uso em um programa que visava o combate às parasitoses intestinais. Os autores perceberam que, com o avançar das produções, necessitou-se introduzir materiais destinados a outras questões não programadas, em razão da demanda observada nas comunidades trabalhadas.

Ao longo das apresentações, pôde-se observar que muitos profissionais tinham dúvidas referentes à *Monkeypox* embasadas em notícias falsas e infundadas, gerando preocupações. Essas informações pautavam-se em um número excessivamente maior de casos de MPXV em Recife do que o cenário real, além de trazer falas referentes à estigmatização de um perfil específico de indivíduos suscetíveis ao MPXV e sua associação com infecções sexualmente transmissíveis (IST), sobretudo entre a população de gays e homens que fazem sexo com homens (HSH), associando a isso o estigma em relação à população LGBTQIAPN+.

Yabrude *et al.* (2020) afirmam que em um mundo altamente globalizado, vinculado ao crescente uso das redes sociais e a ampliação do acesso a elas, as informações tendem a se espalhar rapidamente, o que ocorre na maioria das vezes sem uma correta aferição de sua veracidade. As *fakes news* são responsáveis pelo acelerado aumento de informações de pouca qualidade e contribuem para a desinformação da população. Diante do prejuízo causado por elas, torna-se importante uma maior atenção à confiabilidade das afirmativas circulantes e o

impedimento de sua disseminação, quando de origem duvidosa, sobretudo quando veiculadas por profissionais de saúde (SOARES *et al.*, 2020).

De acordo com Gonçalves, Silva e Apolinário (2021), é por meio da educação em saúde que se pode intervir sobre as notícias falsas, mediante a conscientização e disseminação de conhecimentos pertinentes e verídicos. Valorizar o debate entre profissionais e gestores possibilita a construção de informações adequadas, capazes de contribuir para uma atenção em saúde comprometida com as demandas da população.

Ainda sobre especulações trazidas durante os encontros, alguns profissionais manifestaram discursos insistentes e incisivos sobre a *Monkeypox* que podem reforçar estereótipos homofóbicos. A associação direta da doença à população gay e HSH, bem como atrelar o MPXV a uma IST, retoma a preocupante discussão da construção de um novo estigma e hostilização desse grupo específico, já estigmatizado historicamente com o HIV/AIDS, a partir de um olhar de depreciação e de maior vulnerabilidade na sociedade (SOUSA; SOUSA; FRONTEIRA, 2022).

A principal estratégia utilizada para desmistificar essa associação entre MPXV e HSH foi a criação de espaços dialéticos abertos com as equipes, objetivando construir coletivamente saberes e práticas mais humanizadas, éticas e norteadas pelo respeito. O convite à reflexão sobre a estigmatização da população gay e a sensibilização acerca do preconceito buscou reavivar a responsabilidade e o compromisso de cada profissional com uma saúde que deve ser para todos. A proposta apresentou-se como um desafio a ser trabalhado para além dos encontros, tendo em vista o poder da desinformação, do preconceito estrutural e da dificuldade individual em introduzir novas práticas ao cotidiano no processo do cuidado.

Para Guimarães, Lorenzo e Mendonça (2021), a racionalidade de profissionais em saúde parece influenciada por uma ideação que tende a tornar patológicas “sexualidades desviantes”, ligando a possibilidade de adoecer a um atributo moralmente condenável, por meio do qual um indivíduo “normal” reconhece o sujeito estigmatizado, reforçado pela visão biomédica que relaciona a homossexualidade como condição *sine qua non* para a predisposição e vulnerabilidade a doenças, especialmente IST.

Dúvidas acerca do aspecto clínico da doença (sinais e sintomas, diagnóstico diferencial e tratamento) foram bastante frequentes em todas as equipes. Esse cenário já era esperado por se tratar de uma enfermidade nova e ainda pouco estudada, mostrando a carência e o anseio dos profissionais por capacitação sobre o assunto. Outro discurso recorrente entre as falas dos profissionais das USF era acerca do medo que sentiam quanto ao MPXV se disseminar e se agravar tal qual a COVID-19. Eles tinham receio de uma nova pandemia e suas consequências

frente ao excesso de trabalho, ausência de recursos, novos casos de morte e/ou adoecimento no âmbito pessoal e familiar.

Teixeira *et al.* (2020) afirmam que o contexto de pandemia requer uma maior atenção ao trabalhador de saúde, sobretudo no que diz respeito à saúde mental, uma vez que tem sido recorrente o relato de aumento dos sintomas de ansiedade, depressão, perda da qualidade do sono, aumento do uso de drogas, sintomas psicossomáticos e medo recorrente de se infectar ou transmitir infecções aos membros da família. Além disso, esses profissionais são sobrecarregados e precisam passar por várias adaptações e novas exigências presentes em suas rotinas (HORTA *et al.*, 2022).

Dantas (2021) complementa que os profissionais de saúde vivenciam diariamente o desgaste emocional por lidarem com fatores estressores no ambiente de trabalho, agravados em momentos de epidemias e pandemias, marcados pela presença de desesperança, medo, sintomas depressivos, ansiosos e até ideação suicida. Tudo isso justifica o anseio das equipes frente à possibilidade de vivenciar uma nova realidade pandêmica com o MPXV.

Por fim, observou-se que determinadas categorias profissionais foram mais assíduas e participativas durante as ações de educação permanente na saúde. Dos 69 profissionais, 46 deles, o que equivale a 66%, eram ACS. Os demais presentes eram: enfermeiros (8), médicos (7), auxiliar de saúde bucal (2), técnico em enfermagem (2), dentista (1), farmacêutico (1), profissionais do setor de regulação (1) e secretária (1). Além de ocuparem majoritariamente esse espaço, os debates e os diálogos também foram liderados pelos ACS, por meio de discursos relevantes e nitidamente ligados aos cuidados das famílias dos seus respectivos territórios.

Algo semelhante foi descrito no trabalho de Secco *et al.* (2020), que tinha como objetivo relatar uma experiência de educação permanente em saúde com ACS de um município do Rio Grande do Sul. Os autores observaram que, com o passar do tempo, os ACS ocuparam um lugar de destaque nas equipes, redefinindo e ampliando a proposta inicial, sugerindo assuntos vinculados às suas vivências na comunidade, fazendo daquele espaço um momento para refletir sobre suas práticas e vivências, bem como as potencialidades e as fragilidades ligadas ao seu cotidiano.

A importância dos ACS nos espaços de saúde pode ser descrita por Costa *et al.* (2013), ao afirmarem que esses profissionais representam uma figura fundamental na Estratégia Saúde da Família (ESF), visto que eles possibilitam uma comunicação direta entre os usuários e as equipes de Saúde da Família. Inseridos no contexto local, os ACS representam o elo entre o serviço de saúde e o território, protagonizando uma relação de vínculo com as famílias e

sensibilidade às questões inerentes ao território adscrito (URSINE; TRELHA; NUNES, 2010; MOROSINI; FONSECA, 2018).

Considerações finais

A experiência evidenciou a importância de ações de educação permanente na saúde, tendo em vista que esse espaço contribuiu para o esclarecimento de informações acerca do MPXV, informando e direcionando os profissionais de saúde por meio de fontes confiáveis e da criação de um espaço aberto, democrático e dinâmico. A presença majoritária dos ACS reforçou a importância desses profissionais na ocupação dos espaços de saúde, uma vez que eles serão agentes de transmissão do conhecimento à comunidade. Cabe destacar também a presença da VE na condução de ações junto à atenção à saúde, integrando um espaço historicamente categorizado e segmentado em atenção e gestão.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento?** Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_educacao_permanente_saude_fortalecimento.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.

CIMERMAN, S. *et al.* Human monkeypox preparedness in Latin America: are we ready for the next viral zoonotic disease outbreak after COVID-19? **Brazilian Journal of Infectious Diseases**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 1-4, jun. 2022. DOI 10.1016/j.bjid.2022.102372. Disponível em: <https://www.bjid.org.br/en-pdf-S1413867022000599>. Acesso em: 10 set. 2022.

CLARO, I. M. *et al.* Shotgun metagenomic sequencing of the first case of monkeypox virus in Brazil, 2022. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, São Paulo, v. 64, p. 1-4, jun. 2022. DOI 10.1590/S1678-9946202264048. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rimtsp/a/4K5czBsGKDtzbCS6wDhKLSj/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 10 set. 2022.

COSTA, S. M. *et al.* Agente comunitário de saúde: elemento nuclear das ações em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 7, p. 2147-2156, jul. 2013. DOI 10.1590/S1413-81232013000700030. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/Hp8zXRHDfctym6vFb58dRhj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

DANTAS, E. S. O. Saúde mental dos profissionais de saúde no Brasil no contexto da pandemia por Covid-19. **Interface**, Botucatu, v. 25, sup. 1, p. 1-9, jan. 2021. DOI

10.1590/Interface.200203. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/rCWq43y7mydk8Hjq5fZLpXg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

FALKENBERG, M. B. *et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 847-852, mar. 2014. DOI 10.1590/1413-81232014193.01572013. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/kCNFQy5zkw4k6ZT9C3VntDm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FRIESTINO, J. K. O. *et al.* Qualificação profissional e o câncer infantojuvenil na atenção básica. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 35, p. 1-9, mar. 2022. DOI 10.37689/acta-ape/2022AO02771. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ape/a/nx8FP7MfxmYFJ9b5vLWvsVc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

GARBIN, C. A. S. *et al.* O cuidado para pessoas com HIV/AIDS sob a ótica de agentes comunitários de saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 1-13, ago. 2019. DOI 10.1590/1981-7746-sol00185. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tes/a/TqPLYQGd9KT7JhPjntBwbQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GHAZVINI, K.; KEIKHA, M. Human Monkeypox resurgence 2022; a new presentation as a sexual pathogen. **Annals of Medicine and Surgery**, London, v. 80, p. 1-2, ago. 2022. DOI 10.1016/j.amsu.2022.104267. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9363942/pdf/main.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

GONÇALVES, P. C. C.; SILVA, B. M. F. R.; APOLINÁRIO, F. V. A importância da educação em saúde como ferramenta a favor da vacinação contra o sarampo e o combate ao movimento antivacina e fake news. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 10, p. 1-12, nov. 2021. DOI 10.51891/rease.v7i10.2979. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2979/1163>. Acesso em: 10 set. 2022.

GUIMARÃES, R. C. P.; LORENZO, C. F. G.; MENDONÇA, A. V. M. Sexualidade e estigma na saúde: uma análise da patologização da diversidade sexual nos discursos de profissionais da rede básica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 1-21, nov. 2021. DOI 10.1590/S0103-73312021310128. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/physis/a/WbhPNXrjWbNwHbBKMbjQw8m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

HORTA, R. L. *et al.* “Pegar” ou “passar”: medos entre profissionais da linha de frente da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 24-31, fev. 2022. DOI 10.1590/0047-2085000000360. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/F46C8gTm76457yyK7bMCvCs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

JARA, O. **A sistematização de experiências: prática e teoria para outros mundos possíveis**. Brasília: CONTAG, 2012.

LOPES JÚNIOR, A. *et al.* Ensino e cuidado em saúde LGBTI+: reflexões no contexto da pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 44, sup. 1, p. 1-7, set. 2020. DOI 10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200409. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/ZqsnTh5DBXyQPb8VhghqkG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2022.

MEDINA, M. G. *et al.* Atenção Primária à Saúde em tempos de COVID-19: o que fazer? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 8, p. 1-5, ago. 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00149720>. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/static/arquivo/1678-4464-csp-36-08-e00149720.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

MORAES, E. N. *et al.* COVID-19 in long-term care facilities for the elderly: laboratory screening and disease dissemination prevention strategies. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3445-3458, jun. 2020. DOI 10.1590/1413-81232020259.20382020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HCCbFHY8x5SYpTxvNzFv9vN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

MOROSINI, M. V.; FONSECA, A. F. Os agentes comunitários na Atenção Primária à Saúde no Brasil: inventário de conquistas e desafios. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 261-274, set. 2018. DOI 10.1590/0103-11042018S117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/CtVJm7MRgkGKjTRnSd9mxG/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

OLIVEIRA, K. T. *et al.* Principais medidas tomadas para a mudança dos processos assistenciais durante a pandemia por COVID-19. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 235-238, maio 2020. DOI 10.21675/2357-707X.2020.v11.n1.ESP.3764. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3764/834>. Acesso em: 10 set. 2022.

RIZK, J. G. *et al.* Prevention and Treatment of Monkeypox. **Drugs**, New York, v. 82, p. 957-963, jun. 2022. DOI 10.1007/s40265-022-01742-y. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9244487/pdf/40265_2022_Article_1742.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

ROSSI, S. Q. *et al.* Um novo olhar sobre a elaboração de materiais didáticos para educação em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 161-176, jun. 2012. DOI 10.1590/S1981-77462012000100010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/7mvhjYFpcSL4Nj39XZgyDd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

SCHELB, M. *et al.* O processo de construção de material educativo para mulheres vítimas de violência. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 10, n. 6, p. 50-56, jul. 2019. DOI 10.21675/2357-707X.2019.v10.n6.2324. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/O-processo-de-constru%C3%A7%C3%A3o-de-material-educativo-para-mulheres-v%C3%ADtimas-de-viol%C3%A2ncia.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

SECCO, A. C. *et al.* Educação permanente em saúde para Agentes Comunitários: um projeto de promoção de saúde. **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 1-17, jan. 2020. DOI 10.36298/gerais2020130108. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v13n1/09.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

SILVA, C. M. S. C. *et al.* Processo de trabalho na vigilância em saúde no Brasil: uma *scoping review*. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 604-615, jan. 2021. DOI 10.1590/1414-462X202129040274. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/Q4NyX8hsH9XNR8VBqNGHV9r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

SLOMP JUNIOR, H. *et al.* O medo ao cuidar: reflexões sobre uma experiência de educação permanente em tempos de Covid-19. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 1, abr. p. 399-410, 2022. DOI 10.1590/0103-11042022E127. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/sdeb/2022.v46nspe1/399-410/pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

SOARES, S. S. S. *et al.* Enfermagem brasileira no combate à infodemia durante a pandemia da Covid-19. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 25, p. 1-11, jul. 2020. DOI 10.5380/ce.v25i0.74676. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/74676/pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

SORATTO, J. *et al.* Insatisfação no trabalho de profissionais da saúde na Estratégia Saúde da Família. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-11, mar. 2017. DOI 10.1590/0104-07072017002500016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/94HTCtXHwtVfGQRwsTfvXGH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SOUSA, A. F. L.; SOUSA, A. R.; FRONTEIRA, I. Varíola dos macacos: entre a saúde pública de precisão e o risco de estigma. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 75, n. 5, p. 1-3, ago. 2022. DOI 10.1590/0034-7167.2022750501pt. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Fskry43Fw58K3bDw6x6yWjw/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

TEIXEIRA, C. F. S. *et al.* A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3465-3474, set. 2020. DOI 10.1590/1413-81232020259.19562020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6J6vP5KJZyy7Nn45m3Vfypx/?format=pdf & lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

URSINE, B. L.; TRELHA, C. S.; NUNES, E. F. P. A. O Agente Comunitário de Saúde na Estratégia de Saúde da Família: uma investigação das condições de trabalho e da qualidade de vida. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 35, n. 122, p. 327-339, jun. 2010. DOI 10.1590/S0303-76572010000200015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/sPnDq56GCcdXjkVJVgtmCzD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Monkeypox**: key facts. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/monkeypox>. Acesso em: 30 ago. 2022.

YABRUDE, A. T. Z. *et al.* Desafios das *fake news* com idosos durante infodemia sobre Covid-19: experiência de estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 44, sup. 1, p. 1-6, out. 2020. DOI 10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200381. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/SsxfTkKXqDFKngWTsCTZtN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2022.

Submetido em 22 de setembro de 2022.

Aprovado em 8 de dezembro de 2022.